



o assunto é **INVASÃO ARGENTINA**

RELAÇÕES EXTERIORES



Los hermanos viram muy amigos

DANIEL AUGUSTO JR./AGÊNCIA GLOBO

► Contratação de Tevez, Mascherano, Sebá e do técnico Passarella pelo Corinthians põe à prova a rivalidade histórica entre brasileiros e argentinos

GILVAN RIBEIRO

► O processo de argentinização do Corinthians — com a contratação de Tevez, Mascherano, Sebá e do técnico Daniel Passarella — coloca em xeque a rivalidade entre os dois países mais importantes da América do Sul. Nunca ocorreu tamanha mistura de nacionalidades no futebol brasileiro, e suas conseqüências ainda são imprevisíveis. Se a aventura da MSI (patrocinadora do clube alvinegro) der certo, os antigos inimigos podem se transformar em *hermanos* — pelo menos para a torcida mais numerosa de São Paulo.

A desconfiança mútua entre os dois povos já rendeu até um personagem engraçadíssimo do comediante Jô Soares, o argentino Garderon, que ao perceber que seus amigos brasileiros sempre tentavam lhe passar a perna, reagiu com o bordão “*Muy amigo*.”

Essa prevenção contra os vizinhos parece ter sido superada no Corinthians. Embora esteja há pouco tempo no clube, Tevez já caiu nas graças da Fiel. Chamado carinhosamente de Carlitos, logo de saída ele se tornou o maior ídolo do time. Além do talento, certamente o carisma e a origem humilde na periferia de Buenos Aires contribuirão para que houvesse identificação com a massa.

Mas Tevez não é um caso isolado. O técnico Daniel Passarella, que trouxe com ele o auxiliar Alejandro Sabella, o quinto argentino no time, também se sente querido pela galeira. “Eu acredito que a rivalidade pode ser diminuída se fizermos um bom trabalho aqui no Corinthians. O clube, por ser popular, nos dá esta chance. Se conquistarmos a simpatia da torcida com títulos, é lógico que os torcedores passarão a ver os argentinos com outros olhos”, analisa Passarella.

No entanto, com um sorriso maroto, Passarella admite que também há o risco de ocorrer efeito contrário: “Existe também o outro lado, caso o trabalho não tenha sucesso”, completa o técnico. Nesta hipótese, poderia aumentar a rejeição.

Carlitos em casa

Tevez admite ter se surpreendido com a boa receptividade no país. “Estou muito feliz no Brasil. As pessoas me tratam muito bem”, constata. O zagueiro Sebá compartilha da mesma impressão: “Nunca tive qualquer problema por ser argentino. Saio nas ruas e sou respeitado até por torcedores dos outros times”, garante.

Até agora, apenas o volante palmeirense Magrão se referiu a Tevez com certo rancor ao reclamar que o gringo teria esnobado o Brasil na Copa América com dribles provocativos. Para Carlitos, esse clima de tensão voltará toda vez que a seleção brasileira enfrentar a Argentina. “Vai ser igual. A rivalidade não deixará de existir só por nossa causa”, analisa.

Mas o curioso episódio aconteceu no último confronto entre Brasil e Argentina, em junho passado, no Mineirão, abriu uma nova perspectiva. Na vitória do time canarinho por 3 a 1, metade dos espectadores no estádio — formada por cruzeirenses — gritou em coro o nome do Sorin, adversário naquela noite, mas ídolo do clube mineiro. “Isso pode se repetir com a gente, mas será restrito aos corinthianos”, diz Tevez.

Antropologia da bola

O antropólogo argentino Hugo Lovisolio, vice-diretor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, projeta um cenário diferente para o futebol a partir da globalização dos times. “A tendência é a de que a rivalidade entre os clubes se torne mais forte, e a oposição entre países fique em segundo plano. O Real Madrid, por exemplo, pode ser considerado espanhol com tantos craques estrangeiros? Da mesma forma, vários brasileiros torcem pelo Barcelona por causa do Ronaldinho Gaúcho.”

O antropólogo José Paulo Florenzano, da PUC de São Paulo, também acompanha com interesse a experiência do Corinthians. “Vejo com bons olhos essa convivência entre brasileiros e argentinos, que já ocorria na Europa. Isso pode ajudar a repor a rivalidade em outros termos”, diz. Mas ele adverte que a integração cultural tem limite: “Quando o intercâmbio se intensifica também é comum haver uma reação contra a perda da identidade étnica. Trata-se de um processo em curso, capaz de caminhar em várias direções.”

Em suma, a argentinização corinthiana pode dar samba. Ou terminar com a dramaticidade de um tango portenho.

Corinthians seduz a Argentina

► O publicitário Washington Olivetto formulou uma frase de efeito para rebater as críticas de torcedores rivais sobre a invasão de argentinos no Parque São Jorge: “Não está havendo uma argentinização do Corinthians. Está havendo uma corintianização da Argentina.”

Ainda que bem-humorada, a observação faz sentido. O clube paulista virou assunto obrigatório nos jornais argentinos e em praticamente toda a América Latina. O jornal esportivo “Olé”, por exemplo, tem reservado uma página diária com informações sobre o novo time de Carlitos Tevez e Passarella. “São dois personagens muito importantes, que despertam o interesse do público argenti-

no”, justifica Juan Pablo Mendez, jornalista responsável pelo noticiário corinthiano.

Mendez lembra que Tevez foi o último grande ídolo do Boca Juniors, time de maior torcida do país, pelo qual conquistou a Libertadores e o Mundial Interclubes de 2003. Já Passarella levantou a taça de campeão do mundo em 1978 como capitão da equipe. Mais tarde, na função de treinador, ele ganhou três títulos nacionais pelo River Plate, clube com a segunda maior torcida — além de ter dirigido a seleção argentina na Copa de 1998.

Segundo Mendez, os torcedores do Boca acompanham os jogos do Corinthians pela Globo Internacional.



TEVEZ, Passarella e Sebá, os argentinos do Corinthians, colocam em xeque a velha rivalidade entre os dois países vizinhos

saiba mais

Vizinhos vivem entre tapas e beijos

► Como as duas principais forças da América do Sul, Brasil e Argentina disputam a hegemonia do continente entre tapas e beijos. Embora a concorrência seja acirrada, também há admiração mútua.

► **No futebol, Pelé e Maradona são os maiores expoentes de cada país. Embora o brasileiro seja reconhecido em todo o mundo como o rei da bola, a maioria dos argentinos prefere Dieguito. O vício em cocaína é seu calcanhar-de-ataque.**

► Os argentinos chamam os brasileiros de macaquitos. Uma manifestação racista que

remonta à Guerra do Paraguai, numa referência aos escravos negros mandados para o campo de batalha.

► **A inveja dos vizinhos em relação ao fato de o Brasil ser pentacampeão mundial de futebol é inegável. A Argentina é bicampeã.**

► Nas férias, os argentinos invadem as praias de Santa Catarina para fugir das águas frias de Mar Del Plata. Mas os brasileiros também fazem turismo para desfrutar os prazeres da noite de Buenos Aires ou as estações de esqui de Bariloche, que já foi chamada de “Brasilchoche”.

► **Apesar dos esforços para a consolidação do Mercosul, os dois países vivem às turras no**

comércio internacional. Barreiras protecionistas adotadas pelos argentinos contra produtos brasileiros provocam discussões diplomáticas.

► A Argentina também se opõe categoricamente à pretensão do Brasil de se tornar membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, que hoje conta apenas com EUA, Grã-Bretanha, França, Rússia e China. O argumento é de que o equilíbrio de forças na região seria quebrado.

► **Na área educacional, a Argentina leva ampla vantagem. O índice de analfabetismo no Brasil é de 11,6%, segundo o último levantamento do IBGE, feito**

em 2003: são mais de 17 milhões de pessoas que não sabem ler ou escrever. Já o país vizinho apresenta taxa em torno de 3,1%, quase quatro vezes menor.

► A Argentina já ganhou cinco Prêmios Nobel, sendo três no campo científico. O Brasil nunca foi laureado.

► **Segundo estudo do economista Marcelo Neri, da FGV, os argentinos lideram o fluxo de migração recente para o Brasil.**

► Em conjunto com a Unesco, os governos dos dois países lançaram no início do mês o projeto Escolas Bilingües em Zonas de Fronteiras, que visa ao fortalecimento da integração regional.

ARGENTINOS QUE DEIXARAM SUA MARCA NO BRASIL



Andrada - goleiro que defendeu o Vasco de 1969 a 1975. Campeão carioca em 1970 e brasileiro em 1974, tornou-se célebre por ter levado o milésimo gol de Pelé em 1969

Galván - zagueiro que atuou no Atlético-MG (1998 e 1999) e no Santos (2000 e 2001). Foi campeão mineiro pelo time de Belo Horizonte em 1999

Artime - atacante que jogou no Palmeiras em 1969. Na sua única temporada no clube paulista, o ataque marcou mais de 100 gols. Foi campeão do Torneio Roberto Gomes Pedrosa

Basso - zagueiro do Botafogo-RJ em 1950. Jogou apenas 18 jogos pelo time carioca, mas é cultuado como um dos maiores beques do clube em todos os tempos

Cejas - goleiro do Santos de 1970 a 1975, foi o último camisa 1 da equipe na era Pelé. Foi campeão paulista em 1973 pelo clube da Vila Belmiro

Filloi - goleiro da Argentina nas

Copas de 1978 (campeão) e 1982, defendeu o Flamengo em 1984 e 1985. Não chegou a conquistar título na Gávea

Goycochea - goleiro vice-campeão mundial pela Argentina na Copa de 1990, defendeu o Internacional em 1995, mas não alcançou glórias no clube gaúcho



Doval - atacante que jogou no Flamengo e no Fluminense durante a década de 70. Foi campeão carioca pelo clube rubro-negro em 1972 e 74 e pelo Tricolor em 1976

Menotti - técnico da Argentina nas Copas de 1978 (campeão) e 1982, foi meio-campista reserva do Santos em 1968 e

encerrou a carreira de jogador no Juventus da Mooca no ano seguinte

Orsi - ponta-esquerda que se naturalizou italiano para ser campeão mundial em 1934. No final da carreira, defendeu o Flamengo e foi campeão carioca em 1939

Perfumo - zagueiro do Cruzeiro de 1971 a 1975, foi tricampeão mineiro em 1972/73/74



Mancuso - volante da Argentina na Copa de 1994, jogou pelo Palmeiras em 1995 e pelo Flamengo em 1996, quando foi campeão carioca pelo time rubro-negro

Poy - goleiro titular do São Paulo durante 13 anos, chegou ao clube em 1948 e ficou até o fim da carreira em 1963. Foi campeão paulista em 1948/49, 1953 e 1957

Ramos Delgado - zagueiro mais clássico na história do Santos, onde jogou de 1967 a 1972. Foi tricampeão paulista em 1967/68/69 e campeão do Roberto Gomes Pedrosa em 1968

Sastre - meia que liderou a conquista do primeiro título importante do São Paulo, o Paulista de 1943. Ainda foi bicampeão em 1945/46, quando deixou o clube do Morumbi

Valido - ponta-direita do Flamengo de 1937 a 1944, foi campeão carioca em 1939, 1942 e 1944



Sorin - ala e lateral-esquerdo do Cruzeiro de 2000 a 2002, conquistou a Copa do Brasil de 2000 e o bicampeonato da Copa Sul-Minas em 2001/2002. Em 2004, teve outra breve passagem pelo clube mineiro

